

A indústria reativa os planos de investimento

por Vera Brandimarte
de São Paulo

Executivos de todos os segmentos da indústria começam a revirar os arquivos em busca de velhos projetos de investimento na ampliação da capacidade instalada, que estiveram esquecidos nos últimos anos diante da instabilidade da economia, da alta taxa de inflação, que impossibilitava planejamentos de médio e longo prazo, e da elevada rentabilidade das aplicações no mercado financeiro.

A perspectiva de uma moeda estável, numa economia sem recessão, e a possibilidade de captar, com a abertura de capital de suas empresas, a grande soma de recursos que vem sendo transferida do mercado financeiro para o mercado de capitais estão solidificando, entre os empresários, a convicção de retorno aos investimentos na atividade produtiva. Enquanto redirecionam o seu capital, as indústrias, em geral, estão mantendo aplicadas no open market somente aquelas quantias destinadas a cobrir as suas necessidades diárias de caixa. Paralelamente, procuram aumentar seu "portfólio" com ações de outras empresas.

Muitos setores da indústria, independente dessas novas condições geradas pelo plano de estabilização econômica, já planejavam novos programas de investimento, diante da incapacidade de continuar atendendo satisfatoriamente ao mercado. E o caso da indústria de papel e celulose e da indústria automobilística. Esta última já deveria investir no mínimo, até o final da dé-

cada, de US\$ 500 milhões a US\$ 600 milhões, para atender à demanda interna e às exportações, cifra que agora tende a ser ampliada.

O MERCADO INTERNO

A indústria de papel e celulose também já havia programado investimentos de US\$ 2 bilhões, até o final da década. No último ano, o consumo interno de papel, particularmente para escritórios e embalagens, cresceu 21%, embora a produção só tenha aumentado 7%. O abastecimento interno foi garantido graças a uma redução significativa de 10% nas exportações, o que não deve ser a tendência dos próximos anos.

Boris Tabacof, vice-presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose e diretor da Cia. Suzano de Papel e Celulose, sustenta que a indústria está consciente de que, prioritariamente, deve atender ao mercado interno, mas, mesmo assim, dificilmente poderá evitar que o Brasil volte a importar papel para suprir o mercado, pois os investimentos no setor são de longo prazo de maturação. Se novos investimentos já eram aconselhados antes, agora essa decisão se tornou mais fácil, diz ele.

Para outros setores que trabalham com projetos de longo prazo de maturação, como a indústria de bens de capital sob encomenda, os efeitos da reforma não virão no curto prazo. "A indústria de base é sempre a última a ter sua capacidade de produção esgotada num momento de reaquecimento da economia", afirma o presidente da Associação Brasileira para o Desenvolvimento da Indústria de Base (ABDIB) e diretor

da Confab, Roberto Caiuby Vidal.

GRANDE OCIOSIDADE

Hoje, as unidades de produção de bens de capital sob encomenda de maneira geral ainda se encontram com grande ociosidade.

Em 1986, o setor, mais que qualquer outro, deverá sofrer impactos negativos com a edição do programa do governo. As indústrias estão sendo obrigadas a renegociar todos os programas de encomenda em andamento com as estatais, seus principais clientes. Dada a complexidade destes contratos, a ABDIB, que trabalhava com uma expectativa de crescimento do setor neste ano de 9%, já abandonou esta estimativa, pois mesmo segmentos importantes de fornecimento às indústrias privadas, como usinas de cimento e álcool, não deverão ter neste ano um estímulo adicional que cubra as perdas com o atraso nas negociações com as estatais.

Em contrapartida, a indústria de bens de capital seriado, que não investia desde 1980, começa a se preparar para o aquecimento de demanda. Hiroyki Sato, vice-presidente do Sindimaq, elege como áreas prioritárias que deverão exigir investimentos no curto prazo, além do segmento considerado estratégico, que é o das máquinas-ferramenta, as indústrias de máquinas têxteis, um setor que vem passando por uma violenta recuperação desde 1984, máquinas para indústrias gráficas, particularmente para embalagens, e máquinas rodoviárias, já que o governo voltou a investir em recuperação de estradas vicinais.